

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO: MÉTODOS E TÉCNICAS DE ENSINO**

CELIA DE CASTRO

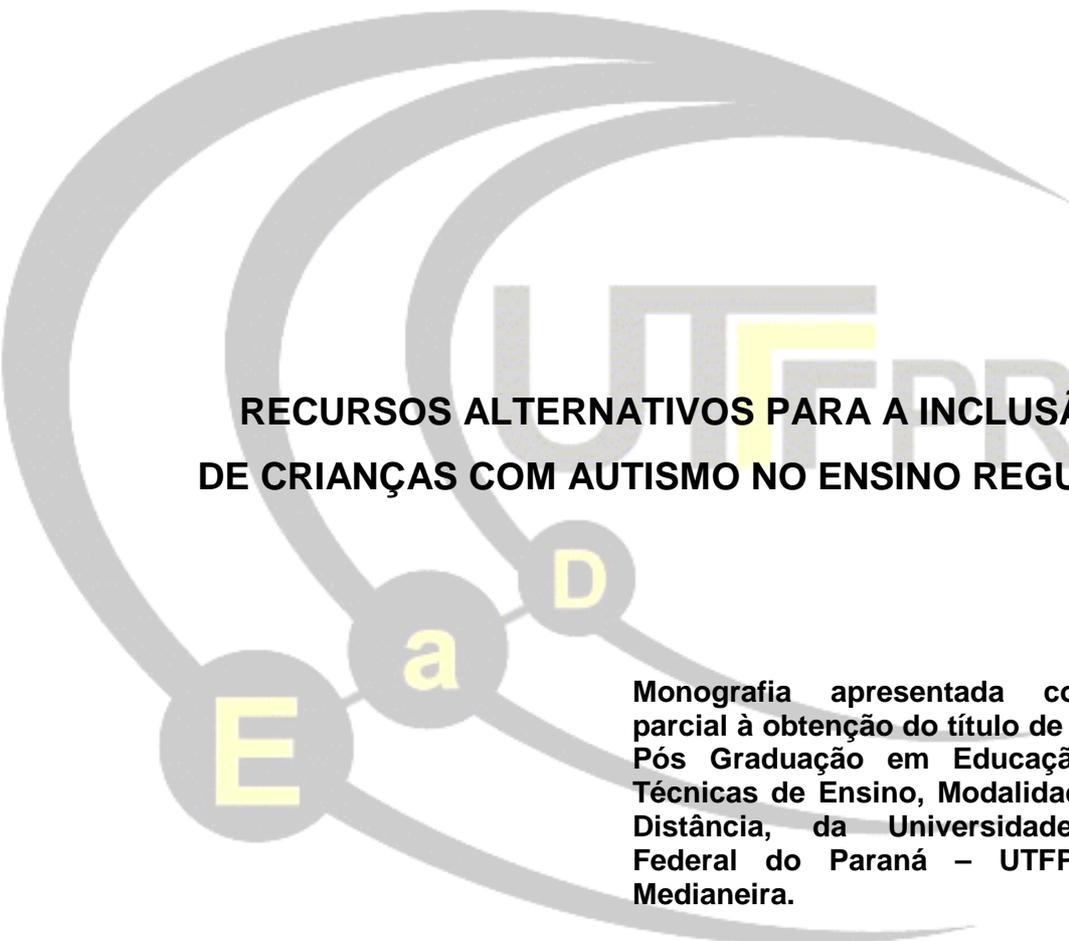
**RECURSOS ALTERNATIVOS PARA A INCLUSÃO
DE CRIANÇAS COM AUTISMO NO ENSINO REGULAR**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

MEDIANEIRA

2013

CELIA DE CASTRO



**RECURSOS ALTERNATIVOS PARA A INCLUSÃO
DE CRIANÇAS COM AUTISMO NO ENSINO REGULAR**

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Especialista na Pós Graduação em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR – Câmpus Medianeira.

Orientador(a): Prof. Dr.^a Shiderlene Almeida

EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA

MEDIANEIRA

2013



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Diretoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de
Ensino



TERMO DE APROVAÇÃO

Recursos Alternativos para Inclusão de Crianças com Autismo

Por

Célia de Castro

Esta monografia foi apresentada às..... h do dia..... de..... de 2013 como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista no Curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Medianeira. O candidato foi argüido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho

Prof^a. DR.^a *Shiderlene Almeida*
UTFPR – Câmpus Medianeira
(orientadora)

Prof Dr.
UTFPR – Câmpus Medianeira

Prof^a. M.Sc.....
UTFPR – Câmpus Medianeira

Aos meus familiares e amigos pela dedicação,
carinho e incentivo para que eu pudesse
vencer mais este desafio.

AGRADECIMENTOS

Á Deus pelo dom da vida, e confiança para vencer os desafios.

A minha família e amigos, pela dedicação e amor e como me fizeram compreender o valor e a importância do estudo para minha vida.

Aos colegas do curso, pela amizade.

Aos professores, pelos ensinamentos.

A Dra. Shiderlene, professora que me orientou, pela sua disponibilidade com que me ajudou a concluir este trabalho.

Meu carinho em especial aos tutores presenciais, principalmente a Tutora Elisangela que muito me auxiliou no decorrer deste curso de pós-graduação.

.

“A escola tem que ser esse lugar em que as crianças têm a oportunidade de ser elas mesmas e onde as diferenças não são escondidas, mas destacadas”.

MANTOAN

RESUMO

CASTRO, C. Recursos Alternativos para Inclusão de Crianças com Autismo. 2013. 47 folhas. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2013.

O presente trabalho tem como objetivo investigar o que caracteriza o espectro do autismo, bem como conhecer as causas, consequências, diagnósticos e tratamento. No que tange a característica pedagógica, intentamos pontuar qual o papel da família e da escola no processo de inclusão do aluno com esse perfil. Para tanto, a pesquisa tem caráter bibliográfico, com embasamento teórico pautado em autores contemporâneos que abordam a temática. Conclui-se que ainda não é possível explicar com precisão as causas que levam a criança a desenvolver o autismo. Mas, que já há estudos que definem o autismo como uma “alteração cerebral que afeta a capacidade da pessoa se comunicar, estabelecer relacionamentos e responder apropriadamente ao ambiente” (KANNER, 1943). Com a pesquisa pudemos perceber que os primeiros indícios de uma criança com espectro autista podem ser percebidos pela própria família, já nos primeiros anos de vida observando o seu relacionamento inter e intrapessoal. Constatamos ainda, que a criança com esse caráter tem maior dificuldade para desenvolver e conseqüentemente aprender. Assim, destacamos o papel fundamental que a escola assume para oportunizar a esse aluno o desenvolvimento sócio-afetivo, psicomotor e cognitivo.

Palavras-chave: Autismo, Escola, Aprendizagem, Inclusão.

ABSTRACT

CASTRO, C. Alternative Resources for Inclusion of Children with Autism, 2013. 47 sheets. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2013.

The present study aims at to investigate what characterizes the autism spectrum, as well as knowing the causes, consequences, diagnosis and treatment. Regarding the pedagogical characteristic vie intend to punctuate the role of family and school in the process of inclusion of students with this profile. Therefore, this research has a bibliographical character, with theoretical guided by contemporary authors who address the topic. We conclude that it is not possible to accurately explain the causes that leads the child to develop autism. But there are already studies that define autism as a “brain impairment that affects a person's ability to communicate, form of relationships and respond appropriately to the environment” (Kanner, 1943). With this research we realized that the first signs of a child with ASD may be perceived by the family since the early years of life watching their inter and intrapersonal relationships. We noticed also that the child with that character is more difficult to develop and consequently learn. Thus, we highlight the key role that school assumes that student to nurture the socio-affective, psychomotor and cognitive development.

Keywords: Autism, school, learning, Inclusion.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	13
2.1 AUTISMO: CONHECENDO O ESPECTRO.....	13
2.2 DIAGNÓSTICO.....	19
2.3 TRATAMENTO.....	20
3 A SINDROME DO ESPECTRO AUTISTA.....	22
3.1 PAPEL DO EDUCADOR.....	24
3.2 PAPEL DA FAMÍLIA/ESCOLA.....	26
4 RECURSOS PEDAGÓGICOS NA INCLUSÃO ESCOLAR DE CRIANÇAS COM AUTISMO.....	27
4.1 AFETIVIDADE E SOCIALIZAÇÃO.....	31
4.2 PSICOMOTRICIDADE.....	33
5 SUGESTÃO DE ATIVIDADES.....	34
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
REFERÊNCIAS	42

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Criança	13
Figura 2-Criança	15
Figura 3-Criança	17
Figura 4-Criança	19
Figura 5-Criança	20
Figura 6-Criança	22
Figura 7-Criança	24
Figura 8-Criança	26
Figura 9-Criança	32
Figura 10-Atividade Física	34
Figura 11-Ginástica Artística	35
Figura 12-Jogo das Cores	35
Figura 13-Jogo das Cores	36
Figura 14-Jogo das Cores	36
Figura 15-Atividade de Leitura	37
Figura 16-Alfabeto Móvel	37
Figura 17-Atividade Matemática	38
Figura 18-Atividade Matemática	39
Figura 19-Atividade Matemática	39
Figura 20-Atividade Matemática	40

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, tem se intensificado as pesquisas que envolvem a síndrome do espectro autista de maneira significativa.

Os estudos que versam sobre o autismo são relativamente novos e as discussões são voltadas mais para a terapia do que para a escolarização. Desta forma, o presente trabalho se dá pela necessidade de conhecer assuntos relacionados ao autismo, bem como os recursos que possibilitam a inclusão desse aluno no ensino regular. Por meio deste estudo pretende-se desmistificar alguns conceitos sobre a aprendizagem da criança autista e ainda servir como material de pesquisa para demais interessados na área.

A problemática deste estudo centra-se nas seguintes questões: Como se dá o processo de aprendizagem do aluno autista? Como e quais estratégias podem ser aplicadas para que o mesmo tenha oportunidade de participar das atividades em uma escola regular?

Neste sentido, o presente estudo pretende investigar o que tem sido discutido por autores que abordam essa temática, bem como apresentar algumas estratégias que propiciem o bom desenvolvimento do trabalho escolar da criança autista.

Este estudo oportuniza compreender os recursos pedagógicos que podem ser utilizados para a inclusão de crianças autistas e para tanto, buscou-se resgatar o histórico do autismo; apresentar características específicas da criança com esta síndrome; investigar o que vem sendo discutido acerca do trabalho de inclusão da criança autista na escola regular, a família e sua socialização.

Com isso optou-se por uma pesquisa bibliográfica fundamentada em autores que abordam a temática de maneira coesa e clara, investigando artigos, revistas, livros e demais trabalhos relevantes na área.

Esse tipo de pesquisa é importante, pois auxilia na compreensão do que vem sendo estudado nos últimos anos sobre o tema.

Segundo Amaral (2007), a pesquisa bibliográfica é uma das principais etapas do processo de um trabalho científico, pois, ela direciona e sustenta a temática abordada. As partes integrantes deste estudo caracterizou-se em levantar as informações, selecionar as que tenham relação direta com o tema e fichamento.

Assim o trabalho é composto por três seções. A primeira aborda: o histórico do autismo, conceito e classificação, causas e consequências do autismo,

diagnóstico e possibilidade de tratamento. A segunda trata das implicações do autismo na aprendizagem escolar, com destaque no papel da escola, família e professor. A terceira versa sobre estratégias específicas de aprendizagem escolar.

2 AUTISMO: CONHECENDO O ESPECTRO



Figura 1-

Fonte: <http://lekokteparana.wordpress.com/2011/11/21/a-crianca-autista-no-lekokte/aceso> em 20/12/2012.

A palavra Autismo vem do grego – autos que significa “em si mesmo”, e ismo significa “voltado para”, ou seja, Autismo significa “voltado para si mesmo” (LIRA; GOMES 2007).

O termo autismo foi utilizado pela primeira vez por Bleuler em 1911, para “designar a perda do contato com a realidade, o que acarretava uma grande dificuldade ou impossibilidade de comunicação” (TORAY, MASSON, 1977, p.673).

Autismo não é uma doença, mas sim um distúrbio de desenvolvimento, com etiologias múltiplas e graus variados de severidade (RUTTER, 1992, p. 167).

A síndrome do autismo apresenta um conjunto de sintomas desde o nascimento e que se manifesta antes dos 3 anos de idade. Ela é caracterizada por respostas anormais aos estímulos auditivos e visuais e por problemas graves na compreensão da linguagem oral. A fala demora a se desenvolver e, quando se

desenvolve, observa-se uma ecolalia¹. O autista apresenta uma grande dificuldade de desenvolver relacionamentos interpessoais. De maneira geral, ele não se interessa por outras pessoas, dispensa o contato humano e apresenta dificuldade nas habilidades sociais. Esses problemas de relacionamento social aparecem antes dos 5 anos de idade. Eles podem apresentar, às vezes, um choro sem controle, ou gargalhadas, sorrisos sem causa. É comum não apresentar medo do perigo, tais como: altura, automóveis se locomovendo. Algumas crianças podem apresentar comportamento destrutivo, auto-agressivo e uma forte resistência à mudança. (FACION, 2005).

Hoje o diagnóstico do autismo é realizado por meio da observação do comportamento, ou seja, apresentando as seguintes características: dificuldade de comunicação; de integração social; de imaginação. Para que uma criança seja diagnosticada como autista é necessário que a mesma se enquadre em pelos menos seis ou mais itens que avaliam seus comprometimentos. Nesse sentido, (JUNIOR 2005, apud MARTINS, 2007, p. 58) afirma que o “autismo é hoje considerado como uma síndrome comportamental com etiologias múltiplas em consequência de um distúrbio de desenvolvimento”.

O dia mundial para conscientização sobre o autismo foi instituído pela ONU - Organização das Nações Unidas - em dezembro de 2007, que definiu a data de 02 de abril como marco da mobilização mundial para mostrar que há pessoas um pouco diferentes das outras.

O Dia Mundial de Conscientização busca esclarecer e disseminar informações sobre o diagnóstico e o tratamento precoce. O azul foi definido como a cor símbolo do autismo, porque a síndrome é mais comum nos meninos (FANUCCHI, 2011).

O debate sobre a síndrome do autismo ainda permanece polêmico. Uma das principais polêmicas é no que se refere à questão da etiologia. Muitos autores localizam a síndrome como tendo etiologia orgânica e outros enfatizam a psicológica, porém, na atualidade, muitos defendem uma multideterminação, portanto, orgânica, dinâmica e social.

¹ Ecolalia é a repetição de palavras ou frases inteiras, muito comum em autistas. Eles repetem o que você fala, logo após ser dito ou até mesmo simultaneamente e há casos em que eles guardam na memória frases completas e repetem tempos depois.

[...] Assim, não nos interessa saber qual é a causa do autismo, mas saber que algo produz o rompimento de um certo tipo de relação pulsional (olhar/ser olhado, etc.), um tipo de jogo pulsional que tem como chave um certo momento de gozo materno que se traduz por um riso gostoso para o bebê, por exemplo. Pouco me importa quais sejam as causas, o que sei é que se essa pulsionalidade não se estabelecer, vai haver conseqüências. A minha questão é a de restabelecer a pulsionalidade. [...]. (LAZNIK, 2004, p.210).

Como a causa é desconhecida, estudos em gêmeos idênticos indicam que a esta pode ser, em parte, genética, porque tende a acontecer em ambos. Embora a maioria dos casos não se tenha nenhuma causa óbvia, alguns podem estar relacionados a uma infecção viral, fenilcetonúria, a síndrome do X frágil, toxoplasmose, hipóxia neo-natal, infecções pós-natais, herpes simples, dificuldade visual ou diminuição da audição, espasmos infantis, síndrome de West, doenças degenerativas, intoxicações diversas, etc. (OLIVEIRA, 2011).

Embora haja grupos de estudos e pesquisas no mundo inteiro, ainda não foi detectada a causa do autismo. Não existem sintomas específicos do autismo; existem crianças autistas com tipos variados de sintomas e vários graus de gravidade, é difícil generalizar sobre este transtorno, porque ele manifesta-se de muitas formas diferentes.



Figura 2

Fonte: <http://www.google.com.br/imgres?q=FOTOS+DE+CRIAN%C3%87AS+AUTISTA> acesso em 27/12/2012.

O conceito de autismo foi elaborado e continuamente revisto por diferentes autores ao longo do tempo. É visto como uma inadequacidade no desenvolvimento que se manifesta de maneira grave por toda a vida. É encontrado em todo o mundo e em famílias de qualquer configuração étnica ou social.

Neste sentido, o autismo é uma alteração cerebral que afeta a capacidade da pessoa em se comunicar, estabelecer relacionamentos e responder apropriadamente aos estímulos ambientais. Algumas crianças autistas podem apresentar inteligência e linguagem oral intactas, as áreas mais afetadas são a audição, tato, dor, equilíbrio, olfato, gustação e maneira de manter o corpo. Outros parecem distantes e fechados ou presos a comportamentos restritos e rígidos.

O autismo é resultado de um distúrbio complexo, de causas múltiplas e desconhecidas, que afeta o funcionamento do cérebro, com implicações diretas no desenvolvimento da interação social, das habilidades de comunicação e do comportamento. O autismo atinge mais as crianças do sexo masculino, na proporção de quatro meninos para cada menina (FANUCCHI, 2011).

Passado mais de 50 anos de sua identificação nos Estados Unidos, o autismo ainda coloca médicos frente a um desafio. Como não há exames laboratoriais ou de imagem que confirmem o diagnóstico, muitas vezes os médicos encontram dificuldades para determinar se uma criança é ou não portadora de autismo. Uma das características mais comumente associadas ao autismo é o estar alheio ao mundo que o cerca e mesmo apresentando esta característica, é um erro dizer que o autista sofre de déficit intelectual. Muitos autistas tem inteligência acima do normal, e podem ser extremamente bem sucedidos em áreas específicas do conhecimento (FANUCCHI, 2011).

Os primeiros sinais que podem indicar que a criança é autista é que ela é muito quieta, calma e passiva. É como se não houvesse uma criança em casa. Existe uma minoria que chora e grita o tempo inteiro sem parar e é difícil de consolar. A partir dos 10 - 12 meses, outros indícios podem ser notados quando a criança: não balbucia, não fala palavras soltas, e mesmo com dois anos não fala palavras; não brinca simbolicamente (boneca, casinha, carrinhos); tem pouco ou nenhum interesse em fazer amizade; tem dificuldade de manter a atenção; é indiferente às pessoas, não responde quando chamada pelo nome; faz pouco ou nenhum contato de olhar; apresenta movimentos de corpo repetitivos; tem crise de birras intensas; fixa o olhar em certos objetos; resiste a qualquer mudança nas rotinas; apresenta hipersensibilidade a certos sons, texturas ou odores (FANUCCHI, 2011).

Assim, o espectro autista refere-se ao “comprometimento ou funcionamento anormal de três áreas do desenvolvimento sendo elas: a interação social, a comunicação e o comportamento estereotipado” (BRASIL, 1996).



Figura3-

Fonte:<http://www.google.com.br/imgres?q=FOTOS+DE+CRIAN%C3%87AS+AUTISTAS&num=10&hl=PT> a acesso em 27/12/2012.

Atualmente, o autismo é uma área de intenso interesse, em que diferentes estudos se estabelecem e promovem alterações conceituais e até modificações no tratamento. As diversas doenças neurológicas e ou genéticas foram descritas como sintomas deste transtorno. Problemas cromossômicos, metabólicos e mesmo doenças transmitidas/adquiridas durante a gestação, durante ou após o parto, podem estar associadas diretamente ao autismo.

Entre 75 a 80% das crianças autistas apresentam algum grau de déficit intelectual, que pode estar relacionado aos mais diversos fatores biológicos. Portanto, a evidência de que o autismo tem suas causas em fatores biológicos é indiscutível, o que nos faz repensar a idéia de ligarmos o autismo a alterações nas primeiras relações mãe-filho (WRIGHT, 2008).

Segundo Bosa e Callias (2000) existem grandes teorias que procuram explicar o autismo:

- a) Teorias Psicanalíticas: descreve o funcionamento mental, os estados afetivos e o modo como essas crianças se relacionam com as pessoas;
- b) Teorias Afetivas: sugere uma disfunção primária do sistema afetivo, qual seja uma inabilidade nata básica para interagir emocionalmente com os outros, o que levaria a uma falha no reconhecimento nos estados mentais a um prejuízo na habilidade para abstrair e simbolizar.

- c) Teoria da Mente: significa a capacidade para atribuir estados mentais a outras pessoas e predizer o comportamento das mesmas em função destas atribuições.

Muitas vezes reforçam a ideia de que não há nada errado, dizendo que cada criança tem seu próprio jeito. Infelizmente isso atrasa o início de uma educação especial, pois quanto antes se inicia o tratamento, melhor é o resultado.

Atualmente pode-se admitir diferentes graus de autismo. No autismo leve - Desordem de Asperger - os sintomas relacionados com a dificuldade de comunicação, socialização e as manias estão presentes, porém de forma branda.

No autismo severo, a criança dificilmente adquire linguagem. Tende a manter o isolamento social e, com freqüência, apresenta estereotipia motora. São capazes de pedir comida não por sentir fome, mas porque está na hora do almoço. Quando se quebra a rotina de um autista é possível que se cause uma crise na criança. O medo dessas conseqüências leva pais, professores e cuidadores a não contradizerem a criança para evitar as possíveis crises, o que prejudica e muito a sua evolução (LEO KANNER, HANS ASPERGER, 1.943).

Quanto ao brincar, a criança autista não brinca com o outro, apenas mostra interesses por partes de um objeto e não pelo objeto como um todo. Nas palavras de Schuwartzman:

Podem ficar brincando por horas com uma das rodas de um carrinho, sem, contudo, brincar com o carrinho como seria de se esperar. Podem ficar imersos em movimentos corporais repetitivos tais como ficar girando, dando pulinhos, abanando as mãos, passando as mãos com os dedos entre abertos entre os olhos etc, (SCHUWARTZMAN, 2003, p. 25).

Como não mantêm uma interação com o outro, também não interagem com os objetos, por exemplo: se jogarmos uma bola para uma criança autista, dificilmente ela a jogará novamente para nós.

Os portadores da síndrome do autismo podem ser sensíveis a sons estridentes (hiperacusia), tapam os ouvidos ao ouvir o latido de um cão ou o qualquer outro objeto barulhento. Algumas já não se importam e podem parecer ausentes frente a ruídos fortes ou a pessoas que as chamam, mas ficam fascinadas por um fraco tique-taque de um relógio ou pelo simples som de um papel sendo amassado. Luzes brilhantes podem causar estresse, ou se sentirem fascinados pela luminosidade, podem ficar movendo um objeto de um lado para outro, ter a

sensibilidade ao toque tátil, reações fortes a tecidos específicos ou ao toque social/afetuoso, podem ser insensíveis a dor, podem ou não chorar após algum ferimento grave (OLIVIERA, 2007).

O professor J.R.Facion, destaca que “para nós alunos, ávidos por entender o enigma que parece ser a linha que separa a saúde da doença, através do seu trabalho diário, nos ensina como é estar do outro lado desta imaginária linha divisória”.

2.1 DIAGNÓSTICO



Figura 4

Fonte: <http://www.google.com.br/imgres?q=FOTOS+DE+CRIAN%C3%87AS+AUTISTAS&num=10&hl=pt-> acesso em 27/12/2012.

Apesar do Transtorno Autista ser considerado uma desordem que pode envolver comprometimentos de ordem neurológica, não há ainda um único tipo de exame ou procedimento médico que confirme isoladamente seu diagnóstico.

É no ambiente familiar que os pais são os primeiros a notar algo diferente nas crianças com autismo. O bebê desde o nascimento pode mostrar-se indiferente a estimulação por pessoas ou brinquedos, focando sua atenção prolongadamente por determinados itens. Por outro lado, certas crianças começam com um desenvolvimento normal nos primeiros meses para repentinamente transformar o comportamento em isolado. Contudo, podem se passar anos antes que a família perceba que há algo errado. Nessas ocasiões os parentes e amigos muitas vezes

reforçam a ideia de que não há nada errado, dizendo que cada criança tem seu próprio jeito.

Após uma variedade de exames, audiometria, ressonância, tomografias, etc., buscando articular informações obtidas a partir destes exames, é importante avaliar a criança em termos de seu desenvolvimento de modo a identificar como apresentam suas habilidades emocionais, sociais, comunicativas e cognitivas, através de sua observação direta e da realização de entrevistas com pais, professores ou responsáveis. Além destes procedimentos, a utilização de instrumentos padronizados para fins de avaliação desta síndrome tem sido cada vez mais necessária como um recurso alternativo que complemente as informações previamente adquiridas (FACION, 1997, p.27).

Como vimos até agora, o autismo é um grave distúrbio do desenvolvimento e do comportamento e que apresenta um alto nível de complexidade, sendo considerado entre os mais severos transtornos manifestados na infância.

2.2 TRATAMENTO



Figura 5

Fonte: <http://www.google.com.br/imgres?q=FOTOS+DE+CRIAN%C3%87AS+AUTISTAS&start=158&num=> acesso em 27/12/2012.

Como o autismo é considerado uma das mais enigmáticas desordens neurológicas, cientistas e estudiosos pesquisam há mais de 70 anos, os tratamentos destinados a este distúrbio que permanecem, em grande parte, desconhecidos.

Um dos principais sintomas do autismo é a dificuldade de interação social e de comunicação, torna-se, neste sentido, um duplo desafio para pais, médicos,

neurologistas, psicólogos e psiquiatras diagnosticar e tratar de crianças que apresentam esse comportamento (REVISTA CIÊNCIA HOJE, 2012).

Como afirma José Salomão Schwartzman, (Neuropediatra, 2012), “Autismo é uma condição crônica que não tem cura. Entretanto quem tem um filho autista corre atrás de qualquer tipo de recurso para o tratamento”. Diz também que: “minha conduta é que o autista não necessita obrigatoriamente de medicação. No entanto, embora não exista remédio específico para autismo, existem alguns que ajudam a controlar certos sintomas-alvo, como agressividade, hiperatividade, etc. Por exemplo, os neurolépticos, drogas antipsicóticas usadas também na esquizofrenia, são indicados para autista com distúrbio de comportamento que os impeçam de frequentar escolas ou morar com a família. São remédios que não devem ser usados por prazos longos, isto é que só devem ser usados enquanto absolutamente necessários”.

Neste sentido, o autismo não tem um tratamento específico. Existem muitas abordagens individualizadas e os resultados variam de criança para criança. Alguns dos tratamentos usados são: psicoterapia individual, Psicanálise, terapia familiar, modificação de comportamento, educação especial, tratamentos medicamentosos, estimulação sensorial, entre outros.

A idade ideal para o início do tratamento, segundo especialistas, é antes dos três anos de idade, quanto antes se tratar, menos comportamentos do espectro serão instalados no repertório da criança e mais chances de ampliar a variedade de comportamentos dela. Enfim, são muitos os fatores que não permitem um método garantido para todos os casos (WILLIAMS E WRIGTH, 2008).

As medicações testadas e com bons resultados foram a fluoxetina, afluvoxamina, a sertralina e a clomipramina (MAROT, 2004). Dentre os neurolépticos, a clorpromazina, o haloperidol e a tioridazina, também podem ser usados (SCHWARTZMAN, 1995).

Para o autismo não há propriamente um tratamento, o que há é um treinamento para o desenvolvimento de uma vida tão independente quanto possível. Basicamente a técnica mais usada é a comportamental, além dela o programa de orientação aos pais. Uma das principais tarefas dos pais é a escolha de um local para o treinamento do filho com autismo (TIBA, 1996).

A educação especial é o tratamento fundamental e pode dar-se na escola específica ou na dedicação muito individualizada. Atualmente, considera-se

fundamental que a criança com autismo viva em um ambiente estruturado, no qual as regras devem ser claras e constantes. A criança precisa saber o que se espera dela (GAUDERER, 1985).

3. A SINDROME DO ESPECTRO AUTISTA

3.1 FUNÇÃO DA ESCOLA



Figura 6

Fonte: <http://www.google.com.br/imgres?q=FOTOS+DE+CRIAN%C3%87AS+AUTISTAS&start=51&num=> acesso em 27/12/2012.

Na perspectiva da educação inclusiva integrada na proposta Pedagógica da escola regular, promovendo o atendimento às necessidades educacionais especiais de alunos com transtornos globais de desenvolvimento e altas habilidades/superdotação, transtornos funcionais específicos, a escola atua de forma articulada com o ensino comum, orientando para o atendimento dessas necessidades especiais (MEC, 2010).

A partir de 1994, o autismo passou a integrar a categoria de portadores de Condutas Típicas na Política Nacional de Educação Especial do MEC, elaborada pela Secretaria de Educação Especial, com a seguinte denominação: “manifestações de comportamentos típicos de portadores de síndromes e quadros psicológicos, neurológicos ou psiquiátricos que ocasionam atrasos no

desenvolvimento e prejuízos no relacionamento social, em grau que requeira atendimento educacional especializado” (BRASIL, 1994, p.14).

O direito de todas as crianças à educação está proclamado na Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948). Segundo a Declaração de Salamanca (1994), esse princípio orientador consiste em afirmar que as escolas devem se ajustar a todas as crianças, independente de suas condições sejam elas físicas, mentais ou sociais. Neste contexto, as instituições de ensino terão que encontrar formas de educar com sucesso estas crianças.

De acordo com a Declaração de Salamanca, existe o consenso crescente de que as crianças e jovens com deficiência devem ser incluídos nas estruturas educativas destinadas a maioria das crianças, o que conduziu ao conceito da escola inclusiva. “Na escola inclusiva professores e alunos aprendem uma lição que a vida dificilmente ensina: respeitar as diferenças. Esse é o primeiro passo para construir uma sociedade mais justa”. (MANTOAN, 2005 p.24).

A escola, representada por sua equipe profissional, deve ter consciência do seu papel, compreendendo que é por meio do aprendizado que a criança pode adquirir consciência do mundo e dela própria, e que esse aprendizado passa pelo desenvolvimento da comunicação.

Considera-se que as pessoas se modificam continuamente, transformando o contexto no qual se inserem. Esse dinamismo exige uma atuação pedagógica voltada para alterar a situação de exclusão, promovendo a aprendizagem de todos os alunos.

3.2 PAPEL DO EDUCADOR



Figura 7-

Fonte: <http://www.google.com.br/imgres?q=FOTOS+DE+CRIAN%C3%87AS+AUTISTAS&num=10&hl=> acesso em 27/12/2012.

O professor apresenta uma importante função, valendo-se de estratégias que ofereçam segurança para a criança autista se comunicar e interagir com o meio. Nesse sentido destaca-se o papel do professor enquanto mediador das relações da criança com o contexto escolar (REV. ED. INCLUSIVA, 2009).

É imprescindível a qualificação desses profissionais para o desenvolvimento do trabalho específico com as crianças e adolescentes com autismo. Desta forma, torna-se indispensável a capacitação continuada de professores para o atendimento às diferenças no trabalho educativo.

Alguns pontos importantes são necessários para o educador observar no atendimento à crianças com necessidades especiais específicas. Tomando cuidados como: sentá-lo na primeira fila; falar seu nome; verificar suas atividades várias vezes; ter um roteiro especial de apoio à organização do aluno; é aconselhável um amigo da turma como acompanhante em algumas atividades específicas até que se torne rotina para ele; demonstrar respeito, confiança e segurança; em qualquer tipo de estereotipia ou ecolalia, o professor deve interromper a situação; integração na relação professor/aluno/família (FACION, 2008).

É importante que o professor seja realista quanto às dificuldades de seu aluno especial. Uma das maiores dificuldades, em geral, é a dificuldade de interação desse aluno com os colegas. Esta interação não deve ser imposta, mas deve ser

incentivada, e, se necessário, estimulada, por meio de algumas estratégias (FACION, 2008).

Como afirma Vygostsky, (1983), uma criança portadora de um defeito não é simplesmente uma criança menos desenvolvida que as demais, apenas se desenvolve de forma diferente.

O educador na mediação lúdica, por exemplo, não se restringe ao preparo de brincadeiras. É preciso estar disponível e atento, principalmente no caso de crianças cuja linguagem verbal e gestual é bastante limitada ou não desenvolvida. Assim, deve intervir de modo a favorecer a atenção, a motivação e também o acolhimento. .

Na escola o educador terá que assumir sempre uma postura de calma, transmitindo segurança e controle da situação. O elogio e a atenção são excelentes armas para a obtenção de comportamentos positivos. Schwartzman & Assunção Junior (1995), apontam ainda que outro fato relevante para a educação do autista é que o professor promova interações das crianças autistas com outras crianças do ensino regular.

A forma de mediar a aprendizagem, a arte de ensinar, os procedimentos, os métodos e as técnicas vão depender da busca do educador, em suas leituras e pesquisas.

Para Papert (1994), o computador quando utilizado como ferramenta auxiliar no ensino aprendizagem através jogos educativos, desenhos e imagens, com o real objetivo educacional, pode ser um ótimo recurso didático.

3.3 PAPEL DA FAMÍLIA/ESCOLA



Figura 8

Fonte: <http://vivianepatrice.blogspot.com.br/2012/08/dez-coisas-que-toda-crianca-com-autismo>. Acesso em 27/12/2012.

Para Ackerman (1986), “a família representa o sistema nucleador de crescimento e de experiências do ser humano, e também é responsável pelos níveis de desempenho e socialização dos filhos com a síndrome do autismo”.

Tanto os pais como outros membros da família da criança autista, são vistos e possivelmente reconhecidos como pessoas necessárias para o tratamento e no desenvolvimento dessas crianças. Essas novas proposições resultam uma nova visão de família e maior apreciação do seu papel no norteamento das dinâmicas pessoais dessas crianças (RITVO , FREMAN, 1984).

A família consiste no primeiro grupo sócio-cultural no qual são inseridas crianças com a síndrome do autismo. E através dessa família, que ocorrem as primeiras formas de afetividade, sociais e culturais. A família é muito importante no sentido da colaboração e da parceria com a escola para que ocorra um impacto positivo no desenvolvimento da criança. Lima, afirma que é impossível conseguir bons resultados com uma criança autista sem trabalhar também a socialização dos pais.

De acordo com Schwartzman & Assunção Junior (1995), na elaboração de qualquer programa direcionado à educação do portador de autismo, “deve-se observar quais canais de comunicação se apresentam mais receptivos a uma

estimulação e o nível de desenvolvimento da criança autista ao selecionar os objetivos a serem trabalhados numa programação psicopedagógica. É fundamental verificar se não estão acima de suas condições cognitivas”.

Bereohff (1991), afirma que para educar uma criança autista, é preciso levar em consideração a falta de interação com o grupo, “comunicação precária, dificuldades na fala e as mudanças de comportamento que apresentam essas crianças”. O professor deve ter um papel significativo para a criança, pois assim maiores serão as chances de desenvolver as suas habilidades, uma vez que os alunos passarão a sentir segurança e confiança no professor.

É fundamental a rotina diária e a pontualidade do aluno a escola, permitindo que o aluno participe de todas as etapas sem fugir de sua rotina e diminuindo sua possibilidade de crises comportamentais durante o período escolar.

Educar uma criança, por mais difícil que seja, aumenta o sentimento de amor na maioria das pessoas. Os pais sentem que a criança é parte deles e da família, não querendo que ela vá embora. Além disso, a criança autista pode ser bastante cativante e sua própria impotência e confusão faz brotar emoções profundas nos que lidam com ela. Então quando começam a fazer progresso, a alegria que cada pequeno passo avante traz, parece muitas vezes maior do que o que é dado por uma criança normal. (GAUDERER, 1985, p. 127).

Como vimos, com esta pesquisa, não há cura para o autismo, mas através da observação e intervenção, há possibilidades do desenvolvimento das habilidades sociais, para que esta criança com autismo possa interagir, sendo aceito na sociedade em que vive.

4. RECURSOS PEDAGÓGICOS NA INCLUSÃO ESCOLAR DE CRIANÇAS COM AUTISMO

Coll (1995, p. 11) “explica que ao lidar com uma criança autista, muitas vezes o professor sente-se incompetente, pois cada criança é como uma ilha praticamente inacessível, cada uma presa ao seu próprio mundo”.

Existe uma relação entre o educando com autismo e o lúdico que é uma ferramenta que o professor utiliza para a aprendizagem destas crianças. Essas atividades são necessárias para o desempenho sociocognitivo, e no atendimento

educacional especializado. O desenvolvimento e a aprendizagem das crianças autistas precisam de tempo e espaço para acontecer, porque sua realização não é fácil e nem imediata. Supõe entregar-se e confiar na possibilidade de promover atividades cotidianas que favoreçam a aprendizagem, que só se confirmará pouco a pouco (COLL, 1995).

Como o autismo trata-se de um transtorno invasivo que não tem uma explicação definitiva e sim características específicas, para essa criança as dificuldades mais acentuadas estão relacionadas à “[...] a aquisição de padrões lingüísticos, a falta de relações sociais e a inconsistência ou irregularidade nas reações comportamentais” (CABEZAS, 2007, p. 321)

Quanto às características comportamentais Santos (2008), nos dá subsídios para compreender os distúrbios da criança autista.

Distúrbios do relacionamento: Falta do desenvolvimento de uma relação interpessoal e de contato visual. Tanto o relacionamento com pessoas quanto com objetos inanimados estão alterados.

Ausência de sorriso social, desinteresse em participar de jogos e brincadeiras, preferência por permanecer só, etc.

Distúrbios da fala e linguagem – comunicação: Caracterizado por enorme atraso, com fixação e paradas ou total mutismo. A ecolalia é comum, sendo associada ao uso inadequado ou reversão do pronome pessoal. Quando a fala comunicativa se desenvolve, ela é atonal, arritmica, sem inflexão e incapaz de comunicar apropriadamente as emoções.

Na verdade, a comunicação como um todo está comprometida: linguagem oral comunicativa, linguagem receptiva, linguagem gestual e expressão facial.

Distúrbios no ritmo de desenvolvimento: O ritmo mais comum é uma descontinuidade na seqüência normal do desenvolvimento.

Distúrbios da motilidade: São os maneirismos, complexos e ritualísticos: exame dos dedos, borboleta- “flapping”, caminhar na ponta dos pés, jogar-se para frente e para trás, ninar-se, balançar (acompanhado de rolar ou balançar a cabeça no ar ou no chão ou bater a cabeça contra a parede), rolar ou girar objetos. (SANTOS, 2008, p.18)

Mediante tal informação é importante ressaltar que o profissional da educação deve estar atento a tais manifestações, procurando identificar sob uma visão pedagógica, os recursos mais adequados para trabalhar o processo ensino-aprendizagem com tais alunos.

Gauderer (1987), salienta que as crianças com autismo, apresentam dificuldade em aprender a utilizar corretamente as palavras, mas quando participam de um programa intenso de aulas parecem ocorrer mudanças “significativas nas habilidades de linguagem, motoras, interação social e a aprendizagem”.

Partindo disso a escola deve oportunizar estratégias que permitam a esse aluno o desenvolvimento dos conteúdos e a interação com as demais atividades escolares.

O nível do desenvolvimento da aprendizagem do autista geralmente é lento e gradativo, portanto, caberá ao professor adequar o seu sistema de comunicação a cada aluno. O aluno deve ser avaliado para colocá-lo num grupo adequado, considerando a idade global, desenvolvimento e nível de comportamento. É de responsabilidade do professor a atenção especial e a sensibilização dos alunos e dos envolvidos para saberem quem são e como se comportam esses alunos autistas. (SANTOS, 2008, p. 30)

O Método TEACCH - Treatment and Education of Autistic and Related Communication Handicapped Children - desenvolvido na década de sessenta no Departamento de Psiquiatria da Faculdade de Medicina na Universidade da Carolina do Norte – Estados Unidos, foi uma resposta do governo, pois os movimentos crescentes reclamavam pela falta de atendimento educacional de crianças com autismo na Carolina do Norte e Estados Unidos. Este método deriva da psicolingüística e historicamente este enfoque proporcionou uma ponte interdisciplinar entre a Psicologia Cognitiva e a Linguística. Seu propósito é o estudo da interação entre o pensamento e a linguagem. Seu objetivo é capacitar os indivíduos para sua independência, ajudando-os a compreender o mundo, para adquirir habilidades de comunicação favorecendo a interação com outras pessoas.

O método TEACCH não faz uma intervenção nos comportamentos inadequados, procurando compreender suas causas, mas as modificações de conduta só são feitas quando há situações de riscos.

Pensando nisso, o método TEACCH é de fundamental importância no processo de aprendizagem da criança, pois, possibilita a sequencia das atividades. Nessa pesquisa não será abordado o método TEACCH especificamente, mas pretende-se apresentar algumas estratégias a partir desse método.

O conteúdo do programa de uma criança autista deve estar de acordo com seu potencial, de acordo com sua idade e de acordo com o seu interesse. Se a criança estiver executando uma atividade nova de maneira inadequada, é importante a intervenção rápida do professor, mesmo que para isso seja necessário segurar a mão da criança ou até mesmo dizer-lhe a resposta. (PEETERS, apud SANTOS 1998, p. 32).

As estratégias de sala de aula deverão ser feitas em quatro áreas: área do aprendizado, onde a criança recebe instruções; área de trabalho independente, área de descanso ou lazer e área de rotina diária, sempre respeitando as características da criança.

Para pensar em alguns encaminhamentos metodológicos para se trabalhar com a criança com autismo serão consideradas as rotinas bem estruturadas que contemplem todo o processo de trabalho da criança.

Para auxiliar na compreensão dos melhores recursos e métodos a serem utilizados teremos como base os apontamentos de Bereohff (1993) que afirma:

[...] a colocação de limites de forma clara, através de uma atitude diretiva por parte do educador, contribui para o desenvolvimento de maior organização e autonomia desta criança, fortalecendo sua capacidade para adaptar-se aos ambientes domésticos, comunitários, escolar, etc.
[...] a rotina diária estruturada oferece uma previsibilidade de acontecimentos, que permite situar a criança no espaço e no tempo, onde a organização de todo contexto se torna uma referência para a sua segurança interna, diminuindo assim os níveis de angústia, ansiedade, frustração e distúrbios do comportamento. (BEREOHFF, 1993, p.15).

Partindo disso a escola deve oportunizar estratégias que permitam a esse aluno o desenvolvimento dos conteúdos e a interação com as demais atividades escolares.

O nível de desenvolvimento da aprendizagem do autista geralmente é lento e gradativo, portanto, caberá ao professor adequar o seu sistema de comunicação a cada aluno. O aluno deve ser avaliado para colocá-lo num grupo adequado, considerando a idade global, fornecida pelo PEP-R, desenvolvimento e nível de comportamento. É de responsabilidade do professor a atenção especial e a sensibilização dos alunos e dos envolvidos para saberem quem são e como se comportam esses alunos autistas. (SANTOS, 2008, p. 30).

A criança autista que consegue obter um bom rendimento intelectual pode se tornar um adulto independente. Os conteúdos trabalhados devem ser através da socialização (SCHWARTZMAN & ASSUMPÇÃO, 1995).

Schwartzman & Assumpção (1995), afirmam ainda que algumas das crianças autistas conseguem ajuda através de tratamentos medicamentosos. A participação de um psicólogo é indispensável, inclusive para orientar a família e a escola.

Os objetivos da intervenção educacional dependerão do grau de comprometimento nas várias áreas de atuação. Pacientes com prejuízos cognitivos importantes, os esforços deverão se dirigir de forma específica, no sentido de se tentar a comunicação e a interação

social, na redução de alterações comportamentais, na maximização do aprendizado e independência nas atividades da vida cotidiana. Autistas com bom rendimento intelectual podem vir a chegar como adultos a ter uma vida independente. O autor traz em sua obra um esquema do guia curricular, isto é, são conteúdos a serem trabalhados e objetivos a serem alcançados. Os conteúdos são: socialização, comunicação, cuidados próprios, desenvolvimento cognitivo e motor. Os objetivos são: estimular o desenvolvimento social e afetivo visando a participação ativa no grupo social; assimilar a linguagem e desenvolver a compreensão de conteúdos verbais; escrever corretamente e usar a escrita como meio de comunicação; desenvolver hábitos de vida diária e cuidados pessoais; estimular o desenvolvimento cognitivo visando aprimorar a capacidade de resolver problemas na busca de uma melhor qualidade de vida e perceber e utilizar o próprio corpo; participar de atividades e competições. (SCHAWARTZMAN & ASSUMPÇÃO, 1995, p. 53).

4.1 AFETIVIDADE E SOCIALIZAÇÃO

Os sentimentos e emoções são muito confusos para uma criança com necessidades educacionais especiais, além dos sentimentos serem confusos, a comunicação, tanto receptiva quanto expressiva, também é difícil. Ao tentarmos desenvolver mecanismos de sentimentos é importante não interpretar ou atribuir sentimentos à criança, sem fundamento. Elas podem chorar repentinamente sem causa aparente, e a tentativa de consolá-las pode resultar totalmente frustrada ou pode desencadear um processo no qual a criança chore sempre que se encontrar em uma determinada situação, para desencadear determinado sentimento no professor.

Para o autista, o relacionamento com outras pessoas costuma não despertar interesse, pois a maior preocupação é trabalhar a socialização dessas crianças, levando em consideração que é próprio da síndrome - o isolamento.

Para minimizar essa dificuldade de convívio social, vale criar situações de interação, já que elas são limitadas, pela ausência de iniciações sociais com os seus companheiros e falta de sensibilidade às iniciações com os outros. Respeitar o limite e ampliar o tempo da criança autista, encorajando-a para que ela realize as atividades propostas e sempre comunicar mudanças na rotina antecipadamente. A paciência é fundamental, já que algumas apresentam graus variáveis de deficiência intelectual.

As crianças autistas não compreendem como se estabelecem as relações de amizade. “Algumas não têm amigos e outras acreditam que todas as crianças de sua sala de aula são seus amigos” (MORAES, 2004, 21).

Há, por parte da criança com autismo, um comprometimento em brincadeiras de faz-de-conta e jogos de imitação, pouca sincronia, falta de reciprocidade em conversações, pouca flexibilidade na expressão da linguagem e uma relativa ausência de criatividade e fantasia nos processos de pensamento (CID-10, 1993).



Figura 9

Fonte: <http://www.google.com.br/imgres?q=FOTOS+DE+CRIAN%C3%87AS+AUTISTAS&num=10&hl=pt-> acesso em 27/12/2012.

O autismo, caracteriza-se por dificuldades significativas na comunicação e na interação social, além de alterações de comportamento, expressas principalmente na repetição de movimentos, como balançar o corpo, rodar uma caneta, apegar-se a objetos ou enfileirá-los de maneira estereotipada, isolando-se ou exibindo respostas negativas ou mesmo comportamentos destrutivos.

Existe uma apatia em compartilhar atividades em interesses com o próximo ou grupos, é importante a disposição em expor objetos de importância para pessoas do convívio que acontece no primeiro ano de vida. Essas crianças mostram um padrão cognitivo desigual e, frequentemente, tem um melhor desempenho nas tarefas não verbais e visuoespaciais. Sintomas comportamentais associados à síndrome incluem hiperatividade, curto tempo de atenção, impulsividade, comportamento agressivo, acessos de auto-agressividade e agitação psicomotora, respondem a estímulos sensoriais tais como hipersensibilidade a luz, som, toque,

fascinação por estímulos auditivos ou visuais, distúrbio do sono e alimentação, além de medo excessivo em situações corriqueiras ou perda do medo em situações de risco (MORAES, 2004).

4.2 PSICOMOTRICIDADE

O principal objetivo da psicomotricidade é o estudo e o trabalho de maneira integrada, considerando que seus aspectos motores, cognitivos sociais e afetivo/emocionais atuam em conjunto.

Na dimensão lúdica e psicomotora o professor compreendendo seu papel, precisa oferecer estímulos onde a criança precisa ser conduzida com cuidado, onde a mesma pode adquirir consciência do mundo e dela própria, passando pelo desenvolvimento da comunicação, estabelecendo relações de causa e consequência que resultem no desejo de repetir experiências cujos resultados lhe tenham sido agradáveis e que não teria tido por iniciativa própria.

O método para aprender utilizado pela criança com autismo não é por exploração independente do meio ou simples observação. Ela deve aprender a ser independente, necessitando de muita ajuda para poder construir um sistema de comunicação e linguagem. Para aprender a escrever apresenta dificuldade por não ter habilidade para segurar um lápis e não tentar nem mesmo fazer um rabisco. O processo da escrita apoiada pelo professor iniciada por desenhos, inicialmente muito simples e progressivamente mais complexos até chegar em letras e depois palavras. Os desenhos devem ser utilizados em algum programa de computação, depois o quadro negro e finalmente papel.

A prática psicomotora deve ser entendida como um processo de ajuda que acompanha a criança em seu próprio percurso maturativo, que vai desde a expressividade motora e do movimento até o acesso a capacidade de descentração, (ARNAIZ, 2003 p.13).

Na linguagem pictórica e representativa há inúmeras possibilidades no desenvolvimento dessas crianças que são afetadas pelas dificuldades no uso da imaginação que a maioria delas apresenta. Podemos encontrar crianças que nunca tentaram representar a realidade por meio de traços de papel e outras com uma forte tendência a desenhar tudo o que lhes chama a atenção, de forma extremamente

detalhada e obsessiva. O desenho tem de ocupar um tempo não demasiadamente grande a ponto de prejudicar o contato da criança com o ambiente. Isso às vezes é muito difícil, e algum meio de negociação tem que ser encontrado para que a criança não seja prejudicada no seu aprendizado e contato com o meio.

5. SUGESTÕES DE ATIVIDADES

ATIVIDADES FÍSICAS



Figura 10

Fonte: <http://www.google.com.br/imgres?q=atividade+fisica+para+crian%C3%A7as+autistas&start=97&hl=ptBR&tbo=d&biw=1024&bih=571&tbnid=SqXwrQIQYRjTQM:&imgrefurl=http://blogmundoazul.wordpress.com/2012/11/16/atleta-autista-eestaque-na-maratoninha-da-floresta> acesso em 27/12/2012.

A ginástica para alunos com autismo, é uma modalidade que exige o conhecimento de movimentos básicos necessários para a realização das atividades cotidianas, exigindo repetição para o aprimoramento das ações motoras. Busca colaborar no desenvolvimento das habilidades motoras diárias desses alunos, assim também ajuda na colaboração no processo educacional dos mesmos.

Exemplo:

- Deslocar-se com destreza progressiva no espaço ao andar, correr, pular, etc., desenvolvendo atitude de confiança nas próprias capacidades motoras;
- Explorar e utilizar movimentos de preensão, encaixe, lançamento, etc., para o uso de objetos diversos (VEJA.ABRIL.com.br)

GINÁSTICA ARTÍSTICA



Figura 11

Fonte: <http://www.google.com.br/imgres?q=atividades+para+crian%C3%A7as+com+autismo&hl=ptbr&tbo=d&biw=1024&bih=571&tbm=isch&tbnid=sudfroyd5gbskm:&imgrefurl=http://veja.abril.com.br/noticia/esporte/ginastica-artistica-transforma-vida-de-criancasutistas&docid=cyheny5> acesso em 15/02/2013.

A ginástica artística auxilia na melhoria de vida das crianças autistas aprimorando a comunicação e coordenação motora e ajuda famílias a adaptar jovens ao convívio social com autonomia.

JOGOS DAS CORES

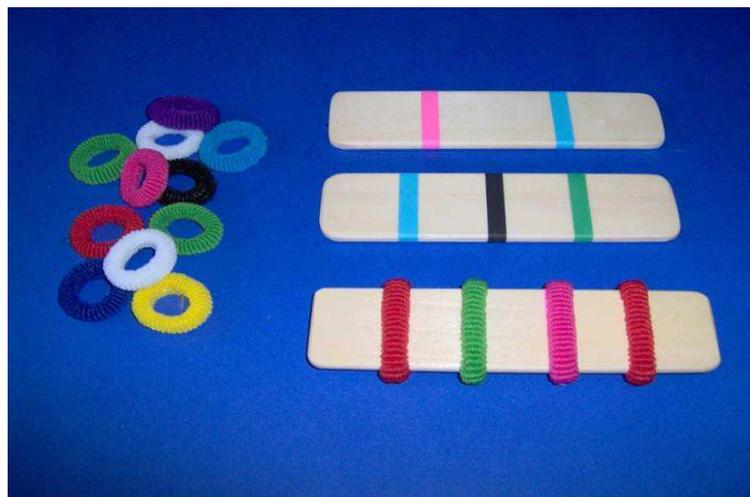


Figura 12

Fonte: <http://www.google.com.br/imgres?q=atividades+para+crian%C3%A7as+com+autismo&hl=ptBR&tbo=d&biw=1024&bih=571&tbm=isch&tbnid=0sLVhsYrTNk7M:&imgrefurl=http://psicopedagogiabaiana.blogspot.com/2012/08/atividades-para-ajudar-criancas> 15/02/2013



Figura 13

Fonte: <http://www.google.com.br/imgres?q=atividades+para+crian%C3%A7as+com+autismo&hl=ptBR&tbo=d&biw=1024&bih=571&tbn=isch&tbnid=0sLVhsYrTNk7M:&imgrefurl=http://psicopedagogiabaiana.blogspot.com/2012/08/atividades-para-ajudar-criancas> 15/02/2013

Nesta atividade há o reconhecimento das habilidades da criança autista, tais como: as cores do jogo, habilidades motoras fina, atenção visual, habilidades de organização, de lateralidade, identificação e combinação das mesmas cores, a coordenação mão-olho, trabalhar de forma independente com as duas mãos juntas. Esta atividade visa ajudar as crianças com autismo a desenvolver competências específicas ao nível de sua aprendizagem, do seu comportamento, da interação social, e da comunicação e da expressão. “Toda a sala deve estar estruturada de forma a que as crianças tenham pistas daquilo que vão fazer no seu dia-a-dia” (borboletaazulautismo.blogspot.com)

CONHECENDO AS CORES



Figura 14

Fonte: <http://gigi-amancio.blogspot.com.br/2010/10/estruturando-as-atividadespara-criancas.html>. acesso em 15/02/2013.

Esta atividade a criança vai conhecendo as cores e ao fazer a separação através das cores da tampa do recipiente ela identifica e memoriza cores primárias.



Figura 15

Fonte: <http://www.google.com.br/imgres?q=atividades+para+crian%C3%A7as+com+autismo&hl=pt=BR&tbo=d&biw=1024&bih=571&tbm=isch&tbnid=VRurbUmg3E9qmM:&imgrefurl=http://gibarbosa1.blogspot.com/2012/08/materialdeapoioemetodoteacchautismo.html&docid=o8lFXldVNs6GDM&imgurl=http://2.bp.blogspot.com/> acesso em 27/12/2012.

Esta atividade de leitura auxilia na dificuldade que a criança autista tem de diferenciar as vogais das consoantes, despertando nela a capacidade de pensar, criar, imaginar e memorizar.

Alfabeto Móvel



Figura16

Fonte: http://www.google.com.br/imgres?q=alfabeto+m%C3%B3vel+para+crian%C3%A7as+autistas&hl=ptBR&tbo=d&biw=1024&bih=571&tbm=isch&tbnid=A6D1TMHuvLeKtM:&imgrefurl=http://facciollacarina.blogspot.com/2012/02/autistas.html&docid=0fwNEN8pA9UBEM&imgurl=http://4.bp.blogspot.com/_BgiaVPCKuhw/TIE- acesso em 27/12/2012.

A atividade de leitura deve ser desenvolvida com a criança da seguinte forma: podemos trabalhar com o autista esse tipo de alfabeto móvel, para que

ele memorize as letras, trabalhar também as palavras junto com a figura e o material confeccionado no concreto para que ela destaque a letra que começa a palavra exigida, o objetivo dessa atividade é para que o autista perceba que a escrita das palavras foi preciso fazer uso das letras do alfabeto.

ATIVIDADES DE MATEMÁTICA

Estas atividades de matemática auxiliam na organização de cores, numerais e quantidade, utilizando a operação aditiva com apoio do material concreto.



Figura 17

Fonte: <http://2.bp.blogspot.com/olyM6EMW8xATMNR1DONNoi/AAAAAAAAAOM/T8bbG8UfeA/s1600/Sem+t%C3%ADtulo4447jpg>. acesso em 18/02/2013.

**Figura 18**

Fonte: <http://2.bp.blogspot.com/olyM6EMW8xATMNR1DONNoi/AAAAAAAAAOM/T8bbG8UfeA/s1600/Sem+t%C3%ADtulo4449jpg> acesso em 18/02/2013.

**Figura 19**

Fonte: <http://2.bp.blogspot.com/olyM6EMW8xATMNR1DONNoi/AAAAAAAAAOM/T8bbG8UfeA/s1600/Sem+t%C3%ADtulo4446jpg> acesso em 18/02/2013.



Figura 20

Fonte: <http://2.bp.blogspot.com/olyM6EMW8xATMNR1DONNoi/AAAAAAAAAOM/T8bbG8UfeA/s1600/Sem+t%C3%ADtulo4445jpg> acesso em 18/02/2013.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa é de caráter bibliográfico, embasada em autores que abordam a temática de maneira coerente e concisa, discutindo e relacionando com encaminhamentos atuais.

Esta coleta de informações e visões de vários autores visa explorar as questões sobre o autismo, pautando-se em atividades definidas, dentro de um encaminhamento elaborado a favor da competência dos envolvidos no processo ensino-aprendizagem.

Mesmo havendo diferenças que não signifiquem a capacidade de uns para aprender e a incapacidade de outros, aponta-se a necessidade de que o trabalho escolar possa incorporar a heterogeneidade que constitui o real, sendo construído a partir dessas diferenças, que o tornam mais diversificado e dinâmico.

Podemos concluir que a escola como espaço inclusivo deve considerar como seu principal desafio, o sucesso de todos os seus alunos, sem exceção. A escola não pode mais desconsiderar esse desafio. Ela terá de estar preparada para lidar com situações que fujam ao cotidiano.

O principal passo para a criação de uma escola de qualidade para todos é a valorização da diversidade das classes sociais, de culturas, formas de aprendizagens, habilidades, línguas, religiões, etc.

Segundo Rivière,(1984), a tarefa de uma criança autista põe à prova os recursos e as habilidades de um professor. A promoção da aprendizagem é a principal função do docente e deve ser sempre o objetivo da prática pedagógica com os alunos autistas. Rutter e colaboradores (1973) afirmam que o ensino tem de ser sistemático, estruturado e bem adaptado às necessidades da criança e tudo isso começa com uma criteriosa avaliação do aluno. Essas crianças têm o direito a uma educação de qualidade onde suas necessidades individuais possam ser atendidas e onde possam desenvolver-se em ambiente enriquecedor e estimulante do seu desenvolvimento cognitivo, emocional e social.

7. REFERÊNCIAS

BRASIL, CORDE. **Câmara técnica “Autismo e outras Psicoses Infanto-Juvenis”**: Resultados da Sistematização dos Trabalhos. Brasília, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Marcos Político-Legais da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília, 2010

COLL, C. et al. **Desenvolvimento Psicológico e Educação**. (Trad.) M. A.. G Domingues. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

FACION, José Raimundo. **Transtornos invasivos do desenvolvimento e transtorno de comportamento disruptivo**. Curitiba: IBPEX, 2005.

FACION, José Raimundo. **Transtorno invasivos do desenvolvimento associados a graves problemas de comportamento: reflexões sobre um modelo integrativo**. Brasília: CORDE, 2002.

GAUDERER. E. Christian: **Autismo Década de 80**. Almed, São Paulo, 1987.

KANNER, L. **Os distúrbios autísticos do contato afetivo**. In Rocha, P.S.(org.) **Autismos**. S. Paulo: Editora Escuta, 1943, p. 217-250.

KANNER.L.:**Psiquiatria Infantil**. Buenos Aires: Paidos. 1971

LACAN, Jacques. (1953). **Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise**, in:Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

_____ (1955- 56) **O seminário, livro 3, As psicoses**. RJ: Jorge Zahar, 1985.

MORAIS, Maria de Lourdes Cysneiros de. **Fatores Intervenientes no Processo de Aprendizagem** – Um Olhar Psicopedagógico (2006)

_____ Risco de autismo em bebês. **O bebê e a modernidade: abordagens teórico clínicas**.São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

_____ (1999) Entrevista com Marie-Christine Laznik por Laura Battaglia, in: A voz da sereia. **O autismo e os impasses da constituição do sujeito**. Salvador: Ágalma, 2004.

MANTOAN, M.T.E.(1989). **Compreendendo a deficiência mental: Novos caminhos educacionais**. São Paulo: Scipione.

OLIVEIRA, M. K. Vygotski: **Aprendizado e Desenvolvimento: um processo sócio-histórico**. São Paulo: Editora Scipione. 2000. Nova Escola, maio, p. 24, 2005.

REVISTA DA EDUCAÇÃO ESPECIAL. **Inclusão**. Janeiro/Junho, 2008.

SCHWARTZMANN, J.S. **Síndrome de Asperger**. In: GAUDERER, Ch. **Autismo e outros atrasos do desenvolvimento: guia prático para pais e profissionais**. Rio de Janeiro: Revinter, 1997

SCHWARTZMANN, José Salomão & ASSUMPÇÃO Jr., Francisco Baptista: **Autismo Infantil**. São Paulo: Memnon, 1995